





ANDRI CARVÃO

Dança do fogo **dança da chuva**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

Dança do fogo dança da chuva

*Quem caminha na escuridão
procura a luz
ou a perdição?*

Dança do fogo

Fazer uma fogueira com ossos humanos.
Assar um cão na brasa.
Comer a brasa regada a vinho.
Vinho servido numa taça feita de um crânio canino.
Vinho tinto tipo A.
Quando o fogo cessar, apagar as brasas num jorro de mijo comunitário.
Pintar o rosto com carvão.
Encher os bolsos de carvão.
Vomitare no rio e depois bebê-lo até o fim para tirar o gosto ruim da boca.
Chorar e sorrir.
Subir na árvore mais alta, no alto da copa, no galho mais fino a suportar o peso do corpo humano.
Procurar deitar o mais confortável possível.
Fechar os olhos e relaxar...
Soltar o corpo...
Abster-se, abstrair-se e esvair-se até tombar no vazio da chama primordial.

Um raio abre uma cratera na montanha.
A montanha expele e jorra seu magma, o sangue sagrado da terra.
A lava escorre e mergulha na água do mar, petrificando-se.

As rochas como icebergs, mais da metade dentro d'água, são
açoitadas pela arrebentação, sob o vôo e o canto das gaivotas.
Nas rochas, nova morada da fauna e da flora a beira-mar,
pássaros se aninham em
suas frestas no alto e mais abaixo, caranguejos, aranhas e
siris fazem a festa.

Um homem; eu, você, nós, ou quem quer que seja, se atira
da árvore de cabeça entre os rochedos.

Ele desaparece por alguns instantes, tragado pelas águas
do mar bravio.

Mas, de repente, emerge e transpõe a barreira das ondas a
braçadas até alcançar a base da rocha mais próxima.

Alça-se das águas escalando o paredão, alvejado pelos res-
pingos da arrebentação, como numa chuva de verão.

No caminho pega um ovo de um ninho e o esconde no
bolso da camisa.

Em seguida agarra um siri e termina a escalada com a força
dos dedos dos pés e segurando-se apenas com uma mão livre.

Junta alguns galhos e gravetos.

Acende uma tora na boca da cratera e faz uma bela foguei-
ra, onde se aquece e assa o siri e o ovo na brasa.

Nosso herói adormece.

O estrondo de um trovão anuncia a chuva.

Uma sucessão de raios e trovões anuncia a tempestade.

O dia escurece.

A ventania aumenta a chama e a chuva a apaga.

O dilúvio cobre as rochas, casa de pássaros e artrópodes.

As águas turbulentas invadem a cratera em cascatas.

O homem, eu, você, o outro, adormece profundo, boiando
de braços e pernas abertos como uma estrela do céu ou do
mar, calmo como nunca com as mãos na nuca como num
berço natural.

Guömundsdóttir

na praia entre as pedras
Guömundsdóttir canta um canto triste e visceral
sua voz singular de timbres incomuns
textura vocal límpida e cristalina
voz de peito médio-grave cavernosa
linguagem própria
Guömundsdóttir voz e visual
seus parangolés multicolores esvoaçantes ao vento
sua expressão corporal
seu magnetismo no olhar
de seu corpo emana a música das esferas
e no horizonte distante gaivotas sobrevoam o farol

Guömundsdóttir não cabe em si
por isso se lacera e se
desdobra em um duplo de Guömundsdóttir
como um espelho do sol a refletir
nas águas em círculos concêntricos a reverberar
numa divisão tripartite de Guömundsdóttir
uma profusão de vozes sobrepostas como o zoar
de uma nuvem de insetos
a domar e a dominar mentes humanas
nossas almas mundanas e capturá-las
para o interior de si

imerso no alagado
somos conduzidos pelas mãos de Guömundsdöttir
da lama da terra rachada
ao buraco da cratera da gruta
no centro do túnel que se abre
no coração das trevas e somos
deixados sós ali
cravados
petrificados
largados lá
de um lado o lado sombrio
do lado oposto o lado iluminado
o lado iluminado nos chama e pensamos
em correr até ele o mais rápido possível
o mais rápido que pudermos
mas não
no lado sombrio uma horda invisível nos observa
qualquer
passo em falso
respiração opressa
movimento brusco
pulsação
por menor que seja
é um belo motivo para o ataque
por isso não nos movemos
não não nos atrevemos
estáticos e elétricos
hipnotizados pelo canto gutural de Guömundsdöttir

Guömundsdöttir
some e reaparece
some e desaparece
pisca na nossa frente

grita e silencia por SOS
chama e se distancia
nos envolve nos abraça
nos acolhe
nos toca depois foge
se encolhe e explode

a gruta é o canal da laringe de Guömundsdóttir
escorregamos como num tobogã língua adentro
que nos conduz da sua voz direto ao seu coração
e de lá até o útero
origem do homem
origem do fruto
origem do mundo

e então renascemos
revigorados
envoltos na placenta do fundo do mar
rochas flutuantes como águas vivas medusas
ilhas em formação
Guömundsdóttir
vulva voadora vulva sonora
que vibra e nos olha
G I G A N T E
que gesticula e ejacula vida verdejante

você me lava feito um vulcão

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em novembro de 2020.
